

# Filhos do Pelourinho



**Edson Neves Valadares**

Sociólogo, chefe de gabinete da Secretaria de Planejamento do Estado

[edsonvaladares@uol.com.br](mailto:edsonvaladares@uol.com.br)

**P**articipei na década de 90 da produção do documentário *O Avesso do Pelô*, do jornalista e cineasta baiano Kau Rocha, que mostra a maneira desumana como se deu a reforma do Centro Histórico de Salvador. A película revela o drama vivido pelos moradores, comerciantes, alfaiates, sapateiros e artistas populares que residiam e trabalhavam nos casarões históricos.

A operação teve características de segregação. Centenas de pessoas tiveram seus direitos de cidadania violados e foram jogadas nas ruas e nos albergues da Baixa dos Sapateiros como mendigos, recebendo apenas indenizações irrisórias entre R\$ 600 e R\$ 1.000. Fato que colaborou com o aumento da criminalidade na cidade.

O sociólogo e professor da Ufba Gey Espinheira afirmou na época em artigo que "o Pelourinho é um não-lugar, a ausência da comunidade tirou a vida deste local. Um patrimônio não é só feito de prédios e monumentos, mas do povo que o habita, com seus valores e suas histórias".

O Pelô é, sim, uma joia a ser cuidada, mas o modelo de reforma do Centro Histórico se esgotou porque não teve base sustentável e sua concepção era elitista e lastreada numa política de apartheid social. A expulsão de sua população criou um cenário vazio voltado apenas para a espetacularização da cultura, com obras de fachada, maquiadas e de qualidade duvidosa.

A atual gestão estadual tem apostado em uma proposta mais efetiva e com a participação da população local. A criação do Escritório de Referência é um marco na gestão compartilhada do Centro Antigo, que vem sendo valorizado através de eventos que garantem a pluralidade de ritmos e estilos e as mais variadas linguagens e expressões culturais como o São João, o Carnaval do Pelô, o Estica Verão, etc. Assim, mesmo sendo um admirador do compositor e cantor Caetano Veloso, discordo quando levanta a hipótese de preconceito ideológico do governo estadual, do tipo Ba x Vi, pois, na verdade, trata-se de antagonismo de valores, conceitos e visão social de mundo, afinal não se pode sentir fascínio com a degradação de uma "gente que é pra brilhar, não pra morrer de fome".